



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Compreensão de textos narrativos ficcionais gestuais em contexto de 1º CEB

Departamento de Formação e Educação de Professores

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Sara Cristina Rocha Coelho

Compreensão de textos narrativos ficcionais gestuais em contexto de 1º CEB

Relatório Final em Ensino de Língua Gestual Portuguesa, apresentada ao Departamento de
Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Isabel Correia

Outubro, 2022

Dedicatória

Ao meu pai, António Coelho,
Pelo exemplo de resiliência e perseverança.

Agradecimentos

Com o culminar deste ciclo de aprendizagem e porque nada disto seria possível se caminhasse sozinha, é chegada a altura de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu sucesso pessoal e profissional.

Foi um caminho longo... e neste caminho tive oportunidade de me cruzar com pessoas que não posso esquecer e que quero aqui presentear com os meus mais sinceros agradecimentos.

Assim, começo desde já, por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Correia que, de uma forma incansável sempre se mostrou disponível para me ajudar.

Agradeço também e de uma forma super especial, á minha família, nomeadamente á minha mãe e irmã por serem as primeiras a desejar o meu sucesso e a não me deixar cair, sem esquecer o meu pai que acredito estar sempre a olhar por mim.

Ao César, meu melhor amigo e amor por ser o meu pilar e me motivar diariamente.

Aos meus amigos Eliana, Susete e Jorge por todo o apoio que sempre me prestaram.

Termino com um agradecimento profundo e querido a todos os alunos com os quais tive oportunidade de me cruzar, pois são eles que me incentivam a querer ser mais e melhor nesta área, sendo que só tenho a agradecer pela aprendizagem recíproca que me proporcionaram.

A todos, o meu mais sincero, muito obrigada!

Compreensão de textos narrativos ficcionais gestuais em contexto de 1º CEB

Resumo: O presente Relatório Final corresponde ao estudo realizado no contexto de estágio curricular no âmbito do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa e visa essencialmente avaliar a forma como as crianças Surdas do 1º Ciclo do Ensino Básico tendem a compreender os textos narrativos ficcionais gestuais.

Desde sempre, a área da educação das crianças Surdas apresenta um cenário desafiante uma vez que são inúmeras as barreiras que estas crianças encontram ao longo do seu percurso escolar pelo facto de as coisas não lhe serem tão acessíveis como são às crianças ouvintes, sendo que é para estas últimas que o ensino está mais desenvolvido.

Este relatório é assim elaborado de forma a compreender, como as crianças Surdas que não têm então um elemento fulcral na educação literária, a audição, conseguem compreender as mensagens transmitidas nos textos narrativos ficcionais gestuais e perceber quais os métodos necessários/ adequados para praticar a educação literária destas crianças Surdas, que merecem usufruir do mundo das descobertas que as histórias ficcionais proporcionam.

Está então dividido em cinco partes, sendo que começo por fazer uma abordagem à narrativa e à sua compreensão, passando a identificar a problemática em questão e a formular as questões que pretendo resolver com o presente relatório. Na terceira parte, está a essência da investigação, onde explico a metodologia utilizada, sendo que no caso concreto se recorreu à modalidade de investigação-ação. Abordo também os intervenientes e procedo com a análise de dados para que na quarta parte possa analisar profundamente os resultados obtidos.

A quinta e ultima parte, é dedicada às conclusões retiradas com o culminar deste relatório, sendo então que a análise dos resultados, permitiu constatar que a utilização de adaptações em LGP, realizadas por um narrador Surdo é deveras positiva na compreensão destes textos por parte da criança Surda.

Palavras-chave: Compreensão, Textos Narrativos, Crianças Surdas, Língua Gestual Portuguesa, Investigação

Understanding of sign language narrative texts in the context of 1st CEB

Abstract: This Final Report corresponds to the study carried out in the context of curricular internship in the context of the master's degree in Portuguese Sign Language Teaching and aims essentially to evaluate how deaf children in the 1st Cycle of Basic Education tend to understand the gestural narrative texts.

The area of deaf children's education has always presented a challenging scenario, since there are countless barriers that these children encounter throughout their school ingenuity because things are not as accessible to them as they are to the hearing children, and it is for the latter that teaching is more developed.

This report is thus prepared in order to understand how deaf children who do not then have a central element in literary education, hearing, can understand the messages transmitted in the gestural narrative texts and understand what methods are necessary/ appropriate to practice the literary education of these Deaf children, who deserve to enjoy the world of discoveries that fictional stories provide.

It is then divided into five parts, and I begin by taking an approach to the narrative and its understanding, identifying the problem in question, and formulating the issues I intend to resolve with this report. In the third part, there is the essence of the investigation, where I explain the methodology used, and in the specific case the modality of action investigation was used. I also approach the actors and proceed with the data analysis so that in the fourth part it can deeply analyze the results obtained.

The fifth and final part, is dedicated to the conclusions drawn with the culmination of this report, and then the analysis of the results, allowed to note that the use of adaptations in LGP, made by a deaf narrator is very positive in the understanding of these texts by the Deaf child.

Keywords: Comprehension, Narrative Texts, Deaf Children, Portuguese Sign Language, Research

"Os outros ouvem, eu não. Mas tenho olhos, que forçosamente observam melhor do que os deles, e tenho as minhas mãos que falam".

(Laborit, 1997)

Sumário

INTRODUÇÃO	1
Introdução	2
PARTE I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS	4
1.1. A narrativa	5
1.2. Narrativa ficcional	6
1.4. A compreensão pela criança Surda	9
1.4.1. A compreensão leitora e o Programa Curricular de LGP (PCLGP)	10
1.4.2. Estudo sobre a compreensão de textos pela criança Surda	12
1.5. A distinção entre a adaptação de histórias para LGP por um interprete vs. por um narrador Surdo	13
PARTE II – IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA	16
2.1. Definição do Problema	17
2.2. Formulação de objetivos	17
PARTE III – DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO	19
3.1. Metodologia	20
3.2. Intervenientes	21
3.3. Caracterização do Meio Envolvente	22
3.4. Planeamento e início do procedimento	24
a) Adaptação dos intervenientes à presença da professora/investigadora	24
b) Escolha de materiais e técnicas	25
3.5. Recolha de Dados	30
3.5.1. História “O cuquedo” adaptada em LGP	30
3.5.1.1. Primeira Aula	30
3.5.1.2. Segunda Aula	33
3.5.2. História “A girafa que comia estrelas” adaptada em LGP	34
PARTE IV – ANÁLISE DE RESULTADOS	36
4.1. Diagnóstico de dados	37
4.1.1. Resultados da História “O cuquedo” adaptada em LGP	37
4.1.1.1. Resumo/ Reconto da História	37
4.1.1.2. Ficha de Trabalho	38

4.1.2.	Resultados da História “A girafa que comia estrelas” adaptada em LGP	
	41	
4.1.2.1.	Questionário em LGP.....	41
4.2.	Reflexão sobre os resultados	43
PARTE V - CONCLUSÃO.....		48
5.1.	Conclusão	49
BIBLIOGRAFIA		50
WEBGRAFIA		52
JURISPRUDÊNCIA.....		53
APÊNDICES		54

Lista de abreviaturas

1. AFOMOS - Associação de Profissionais de Lecionação de Língua Gestual
2. CEB – Ciclo de Ensino Básico
3. COVID-19 – doença de coronavírus 2019
4. DGIDC - Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
5. LGP – Língua Gestual Portuguesa
6. PCLGP - Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa
7. PNL – Plano Nacional de Leitura

Lista de figuras

Figura 1. Logótipo do Plano Nacional de Leitura	25
Figura 2. "O Cuquedo"	26
Figura 3. "A Girafa que Comia Estrelas"	26
Figura 4. Adaptação em LGP da história "O Cuquedo"	28
Figura 5. Adaptação em LGP da história "A girafa que comia estrelas"	28
Figura 6. Apresentação da adaptação em LGP da história "O Cuquedo"	31
Figura 7. Realização da Ficha de Trabalho sobre "O Cuquedo"	33
Figura 8. Apresentação do questionário em LGP acerca da história "O Cuquedo"	34
Figura 9. Apresentação da adaptação em LGP da história "A girafa que comia estrelas"	35
Figura 10. Apresentação do questionário em LGP acerca da história "A girafa que comia estrelas"	35

Lista de Gráficos

Gráfico 1. Resultados da Investigação de Fernandes (1990)	13
Gráfico 2. Respostas à ficha de trabalho "O Cuquedo"	39
Gráfico 3. Respostas ao questionário em LGP "O Cuquedo"	40
Gráfico 4. Respostas ao questionário em LGP "A girafa que comia estrelas" até à questão 8.....	42
Gráfico 5. Respostas ao questionário em LGP "A girafa que comia estrelas", questão 9 com opções de resposta.....	43

Lista de Apêndices

- 1 – Consentimento Informado
- 2 – Ficha de Trabalho “O Cuquedo”
- 3 – Questionário em LGP “O Cuquedo”
- 4 – Questionário em LGP “A girafa que comia estrelas”
- 5 – Planificação “o Cuquedo”, 1ª Parte
- 6 – Planificação “o Cuquedo”, 2ª Parte
- 7 – Planificação “A girafa que comia estrelas”
- 8 – Competências Transversais, relativas á literacia em LGP no PCLGP

INTRODUÇÃO

Introdução

Desde sempre, a área da educação das crianças Surdas apresenta um cenário desafiante.

Como docente destas crianças e tendo eu já sido uma delas, uma vez que sou Surda, reconheço que as problemáticas com que nos deparamos não são de fácil solução, uma vez que são inúmeras as barreiras que estas crianças encontram ao longo do seu percurso escolar pelo facto de as coisas não lhe serem tão acessíveis como são às crianças ouvintes, sendo que é para estas últimas que o ensino está mais desenvolvido.

Ao ter oportunidade de estagiar/ trabalhar com crianças do 1º CEB, reconheço a importância de tentar compreender a forma diferenciada com que estas tendem a compreender as coisas.

Considerando a importância da narrativa para as crianças e sabendo que, é através da audição de histórias que são geradas as primeiras emoções nestas é relevante compreender a forma como as histórias são captadas pela criança Surda que, em desvantagem em relação à criança ouvinte, não tem a audição para a estimular desde que nasce, sendo assim de extrema importância perceber como estas desenvolvem então a sua compreensão, especialmente em relação a histórias ficcionais que achamos ser mais pertinente neste contexto.

Assim é então necessário investigar de modo a perceber quais os métodos necessários/ adequados para praticar a educação literária destas crianças Surdas, que merecem usufruir do mundo das descobertas que as histórias ficcionais proporcionam.

Daqui decorrem os objetivos de partida de averiguar se, com a utilização predominante da Língua Gestual Portuguesa, isto é, o uso de materiais adaptados para LGP, a compreensão dos alunos, relativamente aos textos ficcionais se revela melhor do que quando se usam apenas textos escritos e de perceber qual a forma mais adequada ao ensino deste género textual.

Assim, este relatório está então dividido em 5 partes, sendo que começo por fazer uma abordagem à narrativa e à sua compreensão, passando então a identificar a problemática em questão e a formular as questões que pretendo resolver com o presente relatório.

Na terceira parte, está a essência da investigação, onde explico a metodologia utilizada, os intervenientes e procedo com a análise de dados para que na quarta parte possa analisar profundamente os resultados obtidos.

A quinta e ultima parte, é dedicada às conclusões retiradas com o culminar deste relatório.

PARTE I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1.A narrativa

Como alude Sisto (2001), as origens do contar histórias são muito antigas e tal como o ser humano, atravessaram os tempos.

Ao longo da nossa vida, vivemos entre muitas narrativas. No nosso quotidiano, fomos habituados a ouvir histórias de como era a aldeia onde moramos há alguns anos, como eram os nossos parentes quando mais novos e como as coisas foram evoluindo.

Crescemos também a ouvir histórias de personagens incríveis, sítios utópicos, histórias de sonhos.

Como Roland Barthes (2013) defende:

"A narrativa está presente em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; (...), e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida." (pp. 19-20).

Em concordância com a autora Abramovich (2001), o primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, através da voz dos pais, familiares, amigos e entre outros que desde o seu nascimento vão contando histórias imaginárias, lendo poemas e excertos de músicas.

Para esta autora, ler histórias a crianças é levantar a imaginação. É através da audição de histórias que se podem sentir as primeiras emoções, como a tristeza, a raiva, o medo, a alegria, entre outras.

É através destas histórias que podem ser descobertos novos lugares, outros tempos, outras formas de viver, outras perspetivas sobre a vida.

Decorre daqui que narrar é então relatar/contar, por meio da fala ou da escrita determinados acontecimentos que podem ser reais ou imaginários. São estes acontecimentos-que originam a narrativa ficcional, que serviu de base a este relatório e que passarei a abordar.

1.2. Narrativa ficcional

O texto narrativo ficcional cria factos e é construído de modo a impressionar as pessoas como se da verdade se tratasse, isto é, como se os factos relatados fossem reais. Neste tipo de textos, o autor cria no mundo da imaginação, uma história narrada por alguém a quem chamamos de narrador e que é vivida por personagens.

A narrativa ficcional é assim, nada mais nada menos do que um texto constituído por factos fictícios, não tendo qualquer vínculo com a realidade.

Como exemplos deste género de textos temos o romance, a novela, o conto, a fábula, a lenda, entre outros.

Bettelheim (1980) salienta a importância do conto de histórias, que ajuda a criança a entender-se a si própria, a orientar-se na procura de soluções para os seus problemas.

Para este autor, o propósito de contar histórias de fadas (histórias ficcionais) deve ser o de partilhar uma experiência uma vez que a criança sente prazer com a fantasia. O conto de fadas enriquece assim a experiência da criança, pois oferece, indiretamente, sugestões para que esta lide construtivamente com os pensamentos.

Ainda na perspetiva deste autor, os contos de fada dirigem assim a criança para a descoberta da sua identidade e comunicação, além de sugerirem experiências que são necessárias para ajudar a desenvolver o seu intelecto (Bettelheim, 1980).

Considerando estes factos até aqui abordados e defendidos por vários autores, é-nos permitido chegar à conclusão que é através da audição que é feito então o primeiro contacto das crianças com as narrativas.

Ora, se ponderarmos que, como ressalta Morais (1996) a audição de livros é o primeiro passo para a leitura e que a audição da leitura feita por outras pessoas tem uma tripla função, cognitiva, linguística e afetiva na criança e, sabendo que, a maioria das crianças Surdas, por volta de 95%, são filhas de pais ouvintes (Lichtig e Barbosa, 2010) isto é, que apenas cerca de 5% das crianças Surdas nasce em lares surdos, percebe-se que os outros 95% estão em extrema desvantagem em relação às ouvintes.

Isto, confirma a teoria de Griffith e Ripich (1988), que referem que muitos surdos possuem experiência limitada com histórias antes de começarem a ler.

Acontece que, se distinguir a ficção da realidade, nem sempre se revela uma tarefa fácil para nós, adultos, deduz-se que, para as crianças esta seja ainda uma maior dificuldade. Acresce que, se perspetivarmos do ponto de vista da criança Surda, que à partida, terá então uma experiência limitada com a audição de histórias, a dificuldade será ainda maior.

De acordo com Rebelo (2002) a criança Surda nasce privada de audição, o que consequentemente traz limitações na comunicação recetiva, que por sua vez influencia a comunicação expressiva.

Apesar de concordar que o facto de à criança Surda lhe faltar a audição faz com que esta viva com limitações, não posso concordar com a afirmação de Rebelo (2002) na sua totalidade.

O que Rebelo (2002) afirma é haver uma limitação na comunicação recetiva e consequentemente na comunicação expressiva, o que visto de uma forma ampla pode afigurar-se verídico. Contudo, há que considerar que a comunicação recetiva, de acordo com Soares (2005) é composta pelo feedback (ponto de vista) auditivo, mas também visual, sendo isto muito importante de referir uma vez que é através desta visão que a criança surda pode adquirir esta comunicação quer recetiva quer expressiva, por meio da LGP, que lhe proporciona o que infelizmente a privação de audição não lhe consegue trazer.

De facto, a comunicação recetiva, ainda considerando o mesmo autor (Soares, 2005), é responsável pela capacidade de compreender a palavra que é falada, pelo que existe assim uma relação intrínseca e recíproca entre a receção das palavras e a sua expressão, isto é, entre a comunicação recetiva e expressiva, querendo isto dizer que é preciso compreender as palavras antes de as usar com significado na comunicação.

Assim, a comunicação expressiva traduz-se para este autor (Soares, 2005) na capacidade de se expressar, por exemplo, utilizando a LGP, após adquirir a capacidade de compreensão de conceitos.

É considerando então a importância da narrativa para as crianças, em especial da narrativa ficcional que procuramos perceber a forma como a criança Surda tende a compreender as histórias ficcionais e de que forma a LGP facilita a comunicação quer recetiva, quer expressiva da criança Surda, uma vez que á partida considero que a LGP permite à criança coisas que a falta de audição lhe privou.

Importa ainda referir que, de acordo com Soares (2005) é muito importante levar em consideração que, apesar de a expressão pressupor a receção, esta pode ser intacta sendo apenas irregular a expressão, sendo que voltaremos a abordar este assunto, mais abaixo.

1.3.A educação dos alunos Surdos

A educação dos Surdos tem sofrido várias alterações com o decorrer dos anos, sendo que são vastas as opiniões em relação à Surdez e à Língua Gestual.

Relativamente a Portugal, em relação a educação dos Surdos, esta está inserida num sistema de educação inclusiva de acordo com Gomes (2012). Esta educação inclusiva, o que tem em vista é dar resposta a todas as adversidades educacionais pelas quais os alunos Surdos passam ao longo da sua educação, sempre tendo em consideração o respeito pelos direitos humanos, garantindo assim que a pessoa Surda tenha acesso à educação através da sua língua e cultura, como nos diz Almeida (2019).

Para isto, em Portugal, tem-se como referência um modelo de educação bilingue, que apenas foi possível após o reconhecimento da Língua Gestual a par com a Língua Portuguesa (Almeida, 2019).

O que este modelo bilingue tem em vista e em consonância com Gomes (2012) é proporcionar à pessoa Surda as mesmas possibilidades que estão ao dispor de um ouvinte, permitindo-lhe assim desenvolver uma identidade bicultural.

Importante referir ainda que *“O bilinguismo reconhece que a Língua Gestual é a língua natural dos Surdos profundos pré-linguísticos”* (Gomes, 2012, p.33), quer isto dizer que o aluno Surdo utiliza a LGP como língua principal e a língua oral secundariamente.

Quanto ao modelo bilingue, releva o Decreto-Lei nº 54/2018, que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva, vindo assegurar uma educação bilingue para as crianças Surdas em Portugal.

1.4.A compreensão pela criança Surda

Uma das maiores dificuldades durante a vida escolar de um aluno Surdo prende-se com o facto de que se tem privilegiado o ensino de uma leitura que não se foca na compreensão em si do texto, isto é do seu conteúdo, mas na leitura de palavras soltas. Como abordado por Pereira (2000) e Lodi (2004), dá-se então privilégio a uma “leitura-descodificação” e não à “leitura-compreensão” como deveria ser.

A descodificação prende-se com o reconhecimento e identificação das palavras, sendo que por sua vez, a compreensão como o próprio nome indica, está relacionada com a compreensão dos significados que a informação escrita pretende transmitir (Cruz, 2009).

Decorre então daqui que não é possível compreender um texto sem o descodificar primeiro, mas, pelo contrário é possível ler um texto sem o compreender. No entanto, ler sem compreender não vai ao encontro aquilo que é de facto o objetivo da leitura, que é efetivamente compreender o que se leu (Cruz, 2007), sendo que isto torna o processo de aprendizagem da leitura num grande desafio.

Esta aprendizagem, baseia-se em métodos, contudo, como abordado por Cruz (2007), devemos considerar a participação do aluno como uma peça fundamental, sendo que é esta que pode levar ao êxito ou não.

Este autor (Cruz, 2007), defende ainda existir uma vasta variedade de técnicas a utilizar para o ensino da leitura, contudo, apenas deixar aqui a nota de que se faz uma distinção entre o método fónico (ou sintético) e o método global (ou analítico), que não irei desenvolver muito, mas apenas dar sumariamente uma noção, abordada pelo autor Vítor Cruz em “Uma Abordagem Cognitiva da Leitura” (Cruz, 2007) de que:

“O método fónico permite relacionar as letras com os seus sons, e, por isso, promove a via fonológica e valoriza a aprendizagem da descodificação; por sua vez, o método global parte das palavras e das frases completas para a extração de significado

do texto, enfatiza a compreensão do mesmo através da palavra escrita, promovendo a via visual do reconhecimento das palavras. Embora diferentes, estes métodos procuram ensinar o indivíduo de que existe uma relação entre a linguagem escrita e os sons da linguagem falada”.

Para além destes métodos existem outros, como o método de Jean-Qui-Rit, o método de João de Deus, o método natural e o método das 28 palavras (Fernandes, 2016). Estes métodos, embora distintos, acabam por levar à descodificação precisa das letras.

Voltando ainda à distinção entre método fónico e método global do ensino da leitura, abordado por Cruz (2009), é fácil entender que para o aluno Surdo o método fónico não é uma realidade nem uma opção, na medida em que está fora do alcance destes, recorrerem aos sons e assim perceberem a sua relação com as palavras. Assim, entendemos que o método global, é o que, na educação da criança Surda, mais releva, uma vez que este enfatiza a via visual.

1.4.1. A compreensão leitora e o Programa Curricular de LGP (PCLGP)

O ensino da Língua Gestual Portuguesa, conta com um Programa Curricular, apresentado pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) e homologado pelo Ministério da Educação a 18 de Dezembro de 2007 por Despacho. Sendo assim, desde então o programa curricular passou a ter aplicação obrigatória.

Notamos assim que, este programa curricular foi homologado há cerca de 15 anos, continuando a ser aplicado nos dias de hoje.

Este PCLGP destina-se então a todos os alunos Surdos, independentemente da sua idade e divide-se nos seguintes aspetos/áreas:

1. Interação em LGP
2. Literacia em LGP
3. Estudo da Língua
4. LGP, Comunidade e Cultura

Importando aqui, no caso em concreto, a literacia, é nesta que nos passaremos a focar.

Quanto a literacia em LGP, como retiramos do PCLGP, esta *“engloba especificamente a compreensão em geral e a compreensão de narrativas em particular, os jogos linguísticos (sobretudo ao nível do pré-escolar), a análise literária, incluindo a análise de narrativas (mais detalhadamente a partir do segundo ciclo), a produção, o humor (com maior enfoque a partir do segundo ciclo), a poesia (de forma reforçada, a partir do primeiro ciclo), a dramatização, as funções da língua e a utilização de recursos”* (pp. 26-27).

Sendo aqui objetivos:

- “Compreender, produzir e analisar diferentes tipos de discursos em LGP”;
- “Ter prazer no uso da língua como entretenimento e arte”;
- “Ser crítico e criativo”;
- “Compreender experiências”;
- “Interpretar significados.” (p.27)

É ainda importante referir que, apesar de termos um PCLGP dividido em quatro áreas, elas entrecruzam-se umas com as outras, sendo todas elas relevantes.

Relativamente ao 1º Ciclo, que é o que aqui abordamos, relativamente à carga horária, a disciplina curricular de LGP deverá estar sempre presente no horário escolar, admitindo-se uma ocupação horária equivalente à da língua portuguesa

Quanto às competências transversais no 1ºCiclo, propriamente em relação à literacia, como demonstra o Apêndice 8, atendendo à compreensão e produção vemos ser competências:

Relativamente à compreensão:

- “Usar os conhecimentos prévios para antecipar o que irá acontecer e compreender os conteúdos;” (p.56)

E quanto à produção:

- “Distinguir ficção da realidade”;
- “Conhecer formas discursivas tais como a narrativa e a descrição”;
- “Expressar a sua criatividade através da LGP”. (p.56)

Percebemos desde logo, que o PCLGP, dá uma grande importância à compreensão leitora e é partindo destas competências que procuramos ao longo da investigação, perceber se de facto, o aluno Surdo consegue estar a par delas.

1.4.2. Estudo sobre a compreensão de textos pela criança Surda

De entre uma ampla pesquisa, infelizmente não se encontraram muitos estudos relativos a esta matéria, acrescentando aqui que, os poucos que se encontraram são realizados no Brasil e daí a que o tema deste relatório se revele ainda mais importante.

Um dos estudos que pareceu ser aqui relevante, é da autora Eulália Fernandes (1990) que pretendeu avaliar a capacidade de compreensão e respetiva reprodução de textos escritos por crianças Surdas.

A autora realizou entrevistas individuais com 40 surdos, portadores de surdez profunda congênita, com idades acima dos 18 anos e com um grau mínimo de escolaridade, ao qual correspondia na altura, o 1º grau da 4ª série (em Portugal, ao 4º ano do 1º Ciclo).

Aos intervenientes era pedido que lessem dois textos, sendo que podiam tirar dúvidas sobre o vocabulário e seguidamente, era-lhes pedido que reproduzissem ou oralmente ou por língua gestual e também por escrito.

Para análise dos resultados os intervenientes foram divididos por quatro categorias muito distintas entre elas.

À primeira categoria, corresponderam 4 sujeitos. Estes, não só entenderam o texto, como o conseguiram reproduzir por escrito.

Os que entenderam o texto, mas que tiveram alguma dificuldade em reproduzir por escrito, integraram a segunda categoria e foram eles 16 intervenientes.

Na terceira categoria, foram incluídos os sujeitos que não compreenderam corretamente o texto e por consequência disso, modificaram o seu conteúdo na tentativa de reprodução. Aqui, incluíram-se 8 sujeitos.

Por fim, na quarta categoria, ficaram 12 intervenientes que não entenderam de todo o texto pelo que não o souberam reproduzir por escrito.

Abaixo, fica um pequeno gráfico exemplificativo, onde podemos observar que foram predominantes a quarta e segunda categorias, respetivamente.

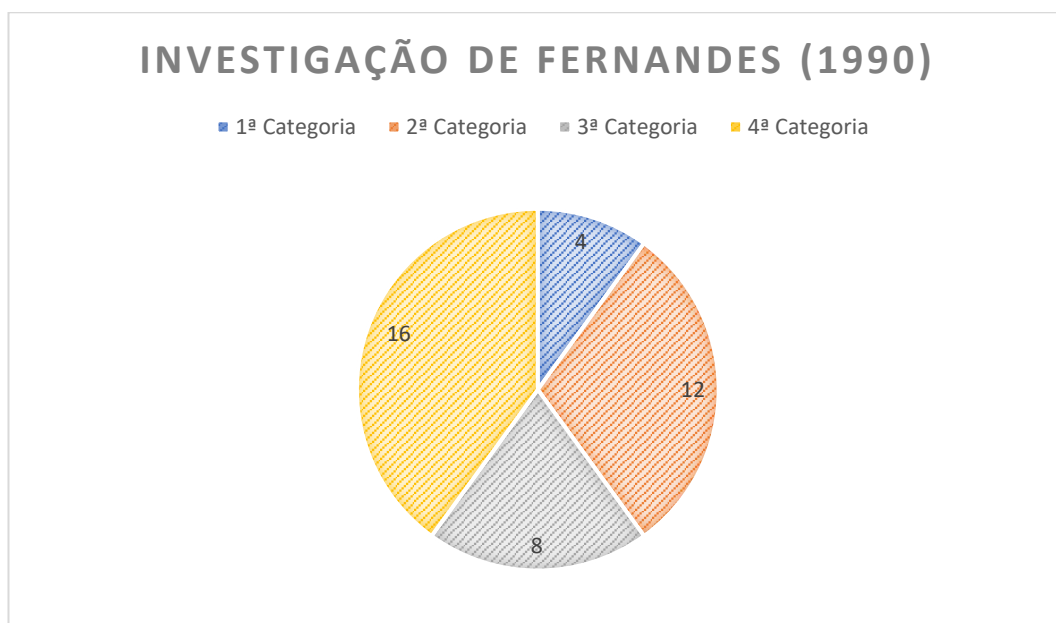


Gráfico 1. Resultados da Investigação de Fernandes (1990)

Para a autora, “os surdos entrevistados não estavam preparados para o exercício da compreensão de textos e a inexistência desta atividade nas tarefas escolares poderia ser o fator responsável pela dificuldade apresentada pelos sujeitos” (p.117).

Ora, sabendo que existem dois tipos de línguas usadas pelos Surdos em Portugal, como já referido anteriormente (língua gestual portuguesa e língua oral, para os que assim preferem) e tendo isso em consideração, o que se pretendeu com o presente relatório foi comparar o desempenho das crianças Surdas, ao usar a língua gestual portuguesa para transmitir os textos narrativos ficcionais e na tentativa de reprodução dos mesmos, como o estudo de Fernandes (1990) em que foi utilizado o texto escrito e a reprodução escrita, como referido acima.

1.5.A distinção entre a adaptação de histórias para LGP por um interprete vs. por um narrador Surdo

“Não é possível falar do desenvolvimento de competências na língua natural dos alunos Surdos sem fazer referência ao protagonista nesta ação: o adulto Surdo, falante nativo de língua gestual. Domina a LGP com correção tal, ao nível da compreensão e da

produção, que é capaz de se ajustar facilmente a qualquer aluno Surdo. Além de que representa um modelo de identificação linguística e cultural na aula, na escola e para as famílias.” (PCLGP, 2007, p.13).

Esta afirmação, retirada do PCLGP, espelha um dos principais motivos pelos quais há uma diferença notória entre termos uma adaptação em LGP de história, realizada por um intérprete e por outro lado, termos a adaptação realizada por um narrador Surdo.

De facto, o adulto Surdo, habituado desde sempre à LGP, consegue dominá-la com facilidade, na medida em que esta é a sua língua também e por isso compreende-a como ninguém.

Por outro lado, os intérpretes de LGP, segundo o artigo 2º da Lei 89/99 de 5 de Julho, correspondem aos “profissionais que interpretam e traduzem a informação de Língua Gestual para a Língua Oral ou Escrita e vice-versa, de forma a assegurar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes”.

Contudo, existem várias condicionantes nas traduções realizadas pelos intérpretes, sendo importante referir aqui que há então uma grande diferença entre uma tradução de uma história para LGP por um intérprete e na efetiva adaptação realizada por um narrador Surdo.

O narrador Surdo através da informação da história, realiza uma adaptação considerando sempre aquele que será o público-alvo, de modo a tornar a informação o mais clara possível. Isto apenas é possível pois, como referido anteriormente, o narrador Surdo conhece como ninguém a LGP e sabe assim o que é mais vantajoso na sua aprendizagem, uma vez que também este convive com a LGP diariamente e é um ser sensorialmente com destaque para a visualidade.

Deste modo, o narrador Surdo não fará uma tradução, mas sim uma adaptação didática que irá ao encontro da faixa etária, dos ensejos e do patamar de desenvolvimento da criança.

Por isso, é tão fundamental que o narrador Surdo seja também docente de LGP pois só com o contacto efetivo com crianças e jovens poderá realizar uma adaptação que proporcione aprendizagens significativas e fruição leitora.

Foi este o trabalho a que nos propusemos e que vamos demonstrar na parte seguinte.

PARTE II – IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

2.1. Definição do Problema

Os fundamentos teóricos até aqui abordados, permitiram identificar vários problemas, os quais pretendemos ver esclarecidos com esta investigação.

Como principais problemas temos então:

- O facto de serem inúmeras as barreiras que as crianças Surdas encontram ao longo do seu percurso escolar pelo facto de as coisas não lhes serem tão acessíveis como são às crianças ouvintes, uma vez que lhes falta a audição.
- É através da audição de histórias que se podem sentir as primeiras emoções e, é um facto, que por não conseguirem ouvir estas histórias, há uma privação em relação ao conto da mesmas. Quer isto dizer que por exemplo, os pais destas crianças, quando ouvintes e sem conhecimento da LGP acabam por não conseguir transmitir-lhes estas histórias e assim sendo, o primeiro contacto das crianças com elas é na escola por meio da LGP, não estando então assim as crianças Surdas habituadas ao conto das mesmas, nem preparados para as histórias a que deviam estar com a idade delas.
- A dificuldade na distinção ficção/realidade que corresponde efetivamente a uma das competências que o PCLGP pretende estimular num aluno do 1ºCiclo.
- O facto de muitas histórias adaptadas para LGP serem adaptadas por um intérprete e não por um narrador Surdo, que levanta a problemática já anteriormente abordada.
- A dificuldade na comunicação expressiva, resultante da dificuldade na comunicação-recetiva.

Foi a identificação destes problemas que permitiu avançar para a formulação de objetivos.

2.2. Formulação de objetivos

Com o problema identificado e partindo da investigação de Fernandes (1990), já abordada no ponto 1.4.2 (Estudo sobre a compreensão de textos pela criança Surda), em que foi utilizado o texto escrito e a reprodução escrita e onde os resultados não foram, neste contexto, os melhores (uma vez que considerando o gráfico 1, apenas 4 sujeitos em 40

isto é, apenas 10% da amostra, conseguiram efetivamente compreender o texto e reproduzi-lo corretamente), o objetivo principal deste relatório é assim o de comparar o desempenho das crianças Surdas, no momento da utilização de textos por escrito e respetiva reprodução escrita (como realizado no estudo acima referido) com a utilização de língua gestual portuguesa não só para reproduzir os textos como também na sua transmissão.

O que se pretende aqui, é averiguar se, com a utilização predominante da Língua Gestual Portuguesa, isto é, o uso de materiais adaptados para LGP, a compreensão dos alunos, relativamente aos textos ficcionais se revela melhor do que quando se usam apenas textos escritos.

Por último, o que se pretende aqui é perceber qual o método mais adequada de ensino destes textos (os textos narrativos gestuais), para que a experiência dos alunos Surdos ao abordarem estes textos em aula seja a melhor e lhes proporcione o máximo de conhecimento possível.

Em suma, são objetivos:

- Comparar o desempenho das crianças Surdas, ao utilizar textos escritos, isto é a leitura, e respetiva reprodução escrita, com a utilização de LGP não só para reproduzir os textos como também na sua transmissão.
- Perceber se a utilização de materiais adaptados para LGP, por um narrador Surdo se revela vantajosa relativamente à adaptação por um intérprete, isto é, perceber qual o método mais adequado.
- Apurar se os alunos Surdos terão resultados na compreensão leitora se mediados pela LGP.
- Perceber se a compreensão-recetiva dos alunos Surdos está a par com a compreensão-expressiva, ou se há uma delas que se destaca mais e qual.
- A par com o objetivo anterior, perceber se de facto, como o autor acima referido indica, há uma prioridade na “leitura-descodificação” e não na “leitura-compreensão”.
- Enaltecer a importância do bilinguismo.

PARTE III – DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

3.1. Metodologia

Para realizar este estudo, considerando os objetivos previamente estabelecidos, como metodologia, recorreu-se à modalidade de investigação-ação. Esta modalidade, que reflete o pensamento da ciência pós-moderna tendo assim como grande objetivo a intervenção mostrou-se então a mais adequada na análise da compreensão e da mudança de comportamento dos alunos.

Na perspetiva de Noffke (1997), a investigação-ação é considerada uma “grande família”, constituída por um conjunto de práticas e um conjunto de ideias que surgem em vários contextos (p. 306).

Aqui, “O investigador procura desenvolver ou melhorar as ações, as formas de compreensão e as situações por meio de ações participativas. Esta maneira de perceber as pessoas investigadas revela um interesse em promover a sua emancipação relativamente aos obstáculos (...), e desenvolver com eles a ideia, de que sendo produto da história também são forjadores da mesma, compartilham circunstâncias perante as quais podem atuar conjuntamente, para as modificar.” (Kemmis, 1990, p. 81)

De destacar as características da investigação-ação abordadas por Cohen e Manion (1985), sendo elas o facto de a investigação-ação ser:

“Situacional, uma vez que a sua preocupação está em diagnosticar um problema específico e procurar resolvê-lo;

Colaborativa, pois nesta metodologia há tendência a que equipas de investigadores e técnicos trabalhem juntos;

Participativa, porque direta ou indiretamente o/os investigador/es envolvem-se no processo de investigação;

E por fim,

Auto-avaliativa, sendo que as modificações são aqui continuamente avaliadas” (p. 217)

Como se extrai de Sousa (2005), Cohen e Manion (1987) que já abordamos anteriormente, referem ainda que a investigação-ação se trata de “um procedimento in loco, visando lidar com um problema concreto localizado num contexto imediato e destina-se à

avaliação de novos métodos de aprendizagem, procedimentos de avaliação, atitudes, valores e controlo do comportamento, entre outros” (pp. 95-96).

Tendo isto em consideração, depois de identificado o problema e formuladas as hipóteses, houve um planeamento da investigação, a posterior observação e ação para no final se proceder a uma reflexão acerca do comportamento dos alunos.

3.2. Intervenientes

O período de estágio foi o período usado para iniciar este estudo.

A turma do 2º e 3º ano, é constituída por três alunos Surdos (aluna A do 2º ano e alunos B e C do 3º ano de escolaridade, todos com próteses auditivas) com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos.

A aluna A tem hipoacusia bilateral, usa próteses e só teve acesso à LGP quando iniciou o 1º Ciclo, no ano letivo 2019/2020, contudo, revela bastante interesse e empenho em aprender a LGP, conseguindo exprimir-se já de uma forma razoável. No entanto, demonstra algumas dificuldades ao nível da escrita, da atenção e concentração na realização das tarefas propostas.

O aluno B apresenta uma surdez neurossensorial moderada de grau I/II. Começou a frequentar o ensino bilingue, no ano letivo 2018/2019, ao integrar uma turma de ouvintes do pré-escolar depois de lhe ser diagnosticado uma surdez. Usa próteses auditivas, conseguindo oralizar e ainda utiliza escassamente a LGP para comunicar. Por vezes manifesta comportamentos desajustados estando a ser acompanhado pelo psicólogo.

Sobre o aluno C, este começou a frequentar o ensino bilingue no ano letivo 2020/2021, vindo de outra escola, estando agora a iniciar a aquisição da LGP. Usa próteses auditivas, conseguindo oralizar, está matriculado no 3º ano, mas ainda trabalha com alguns conteúdos do 2º ano.

Sendo que, na investigação-ação, o que se pretende é que o investigador consiga aprender o máximo possível sobre o fenómeno a estudar e por isto, não é necessária uma

amostragem numerosa, mas pelo contrário criteriosa (Carmo e Ferreira, 2008), estes 3 alunos, constituem então a nossa amostragem.

A escolha do método mais conveniente para selecionar a amostra é condicionada por vários fatores, como por exemplo a natureza dos dados disponíveis na população-alvo e os meios materiais disponíveis.

De acordo com a perspetiva de abordagem geral, a pesquisa, que pode ser quantitativa ou qualitativa, no caso em concreto trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que tem um carácter descritivo e indutivo baseando-se numa análise intensiva e pormenorizada da realidade estudada.

Assim, o método aqui utilizado foi o de amostragem por conveniência que não recorre a uma base de sondagem completa, mas sim a informação que se encontra à disposição, isto é, no local onde estão a ser recolhidos os dados para o estudo.

Este tipo de amostra não é representativa, mas considerando o objetivo desta investigação permite analisar profundamente o caso em concreto.

3.3. Caracterização do Meio Envolvente

Antes de iniciar a investigação e sendo que a caracterização do meio envolvente é de extrema relevância para esta, tornou-se necessário fazer uma espécie de reconhecimento de território, que passa pela observação e caracterização do meio físico e da comunidade.

Esta caracterização revela-se importante na medida em que, o meio envolvente tem uma direta influência sobre a investigação, pois todos os resultados podem variar.

Este agrupamento é constituído por uma equipa de intervenção bilingue com alunos surdos, sendo que tem um total de cinco intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, três professores de Língua Gestual Portuguesa do grupo 360 e três de Educação Especial do grupo 920 e uma terapeuta de fala.

O agrupamento dispõe de um site onde podemos aceder aos seus materiais bilingues e às suas atividades escolares.

O espaço interior é composto por 22 salas de aula cómodas, atrativas e devidamente equipadas com uma vasta tecnologia ao serviço da educação como por exemplo, quadros interativos.

Como resposta educativa aos alunos com Necessidades Educativas Especiais, possui uma sala com equipamento específico, para os alunos portadores de multideficiência, e uma outra para alunos portadores de surdez, sendo de salientar que esta última é aberta a todos os alunos portadores de surdez de toda a região.

A sala para alunos surdos permite o desenvolvimento de técnicas específicas, incluindo o ensino bilingue e é então neste espaço que a comunidade Surda frequenta aulas de LGP, aulas de educação especial e sessões de terapia da fala.

Especificamente relativamente a esta sala, que foi a sala onde tive oportunidade de iniciar esta investigação, além de todo o material tecnológico já referido, ela é composta por vários materiais bilingues destinados aos alunos surdos. São exemplo destes o mapa de Portugal adaptado para LGP, gestos dos animais, o alfabeto gestual, entre outros.

Cada aluno e docente tem também os respetivos nomes gestuais afixados na parede.

Referir ainda que nas aulas de LGP, os 3 alunos intervenientes nesta investigação, sentavam sempre na fila da frente, lado a lado para um ambiente mais acolhedor em sala de aula.

Acrescento que, infelizmente, o estágio e a investigação desenvolveram-se em período da pandemia, pela Doença do coronavírus (COVID-19), o que não facilitou a docência aos alunos Surdos pela obrigatoriedade do uso de máscara em sala de aula.

Relativamente à comunidade, é maioritariamente constituída por pessoas ouvintes (docentes, assistentes operacionais, administrativos, entre outros) contudo, devo salientar que algum do corpo docente, direção e assistentes operacionais tem-se empenhado em acolher da melhor forma a comunidade Surda pelo que têm noções básicas de LGP de modo a conseguirem comunicar melhor com estes alunos.

3.4. Planeamento e início do procedimento

Identificados os intervenientes e caracterizado o meio envolvente, foi hora de dar início ao procedimento.

Antes de mais, para a realização da investigação comecei por solicitar aos encarregados de educação dos alunos participantes que lessem e, se aceitassem, assinassem um termo de consentimento informado (Apêndice 1). Este consentimento, informa acerca da investigação assim como da sua finalidade e nele consta ainda uma autorização excecional de utilização de imagens recolhidas.

Todos os encarregados tomaram então assim conhecimento e assinaram o termo de livre vontade.

Partindo daqui, planeei a investigação por meio de etapas, sendo elas:

a) Adaptação dos intervenientes à presença da professora/investigadora

A primeira etapa correspondeu à adaptação dos intervenientes à minha presença de forma a tornarmos a investigação mais fluída e sem barreiras entre os alunos e a professora para que não se sentissem apreensivos em relação à minha presença.

Apesar de, desde o início do ano letivo 21/22, me encontrar como docente, nunca tinha tido hipótese de contactar com os intervenientes desta investigação uma vez que estes frequentam outra escola.

Assim, foi necessário começar por observar algumas aulas.

Tive oportunidade de observar duas aulas de LGP dos intervenientes lecionadas pela professora cooperante.

Ao entrar, comecei por cumprimentar os alunos, deixando-os curiosos acerca de quem eu seria. Interagi com eles em LGP, demonstrando o meu nome e nome gestual ao qual eles prontamente, responderam do mesmo modo, dando-me a conhecer os seus nomes e nomes gestuais.

Foi então inevitável reparar que estes alunos demonstram muito interesse, empenho e motivação na aprendizagem e na aquisição da LGP.

A professora, para estimular a curiosidade e participação dos alunos, começou por questionar qual era a minha profissão, pergunta à qual os alunos prontamente responderam que eu era intérprete de LGP. A professora, passou então a explicar que sou professora de LGP.

Devo confidenciar que, ao contrário do esperado, não notei, desde início, qualquer tipo de constrangimento por parte dos alunos em relação à minha presença, o que acabou por me deixar confortável também ao longo de toda a investigação.

b) Escolha de materiais e técnicas

Após o primeiro contacto com os alunos, avancei para a segunda etapa que foi a triagem daqueles que seriam os materiais e técnicas a serem utilizadas para que a investigação fosse avante e com sucesso.

Considerando o tempo que tinha para a realização da investigação, a escolha foi clara, optar por recorrer a duas histórias pertencentes ao Plano Nacional de Leitura (PNL), cujo logótipo podemos ver na figura 1.



Figura 1. Logótipo do Plano Nacional de Leitura

Relativamente ao seu quadro estratégico, a nova etapa do PNL (2017-2027), atualmente em vigor, como podemos retirar do site (<https://www.pnl2027.gov.pt/np4/quemsomos.html>) “pretende apoiar e fomentar programas especialmente vocacionados para favorecer a integração social através da

leitura, em diferentes suportes; a formação dos diferentes segmentos da população - crianças, jovens e adultos; a inclusão de pessoas com necessidades específicas; (...)”, estando aqui nestas últimas incluídas as crianças Surdas.

De facto, recentemente, através do programa “Leitura + Acessível”, o PNL passou a incluir obras com adaptações em LGP, sendo que o que se pretende com este programa é então “fomentar práticas e competências de literacia (...), promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades no acesso à leitura, ao conhecimento e à cultura” (https://www.pnl2027.gov.pt/np4/leitura_mais_acessivel.html) .

Este programa engloba livros em formato acessível (com recurso a imagens apelativas, por exemplo), recursos digitais inclusivos, como por exemplo, adaptações das obras para vídeos em LGP, entre outros.

De entre o catálogo das obras propostas pelo PNL, decidi recorrer às obras:

- “O Cuquedo”, de Clara Cunha com ilustração de Paulo Galindro – editora: Livros Horizonte;
- “A Girafa que Comia Estrelas”, de José Eduardo Agualusa com ilustração de Henrique Cayatte – editora: Dom Quixote.

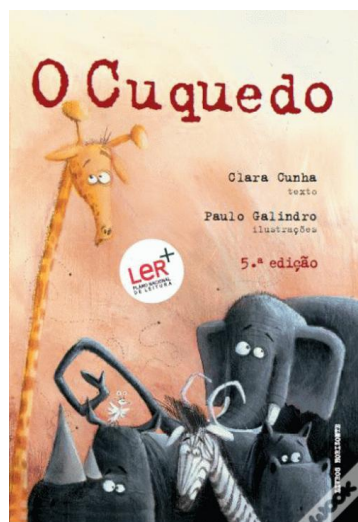


Figura 2. "O Cuquedo"

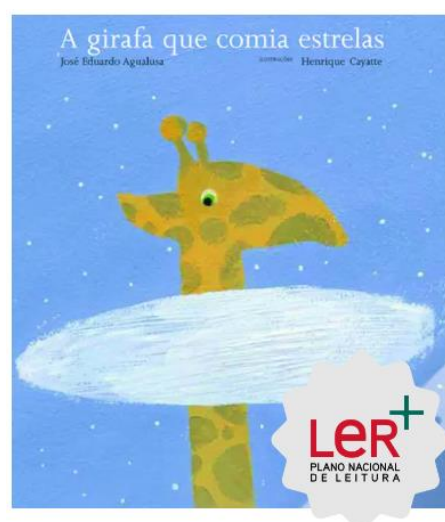


Figura 3. "A Girafa que Comia Estrelas"

Relativamente às sinopses destas obras, no livro “O Cuquedo” podemos ler “O Cuquedo está à solta! Mas... o que é o Cuquedo? Será um pássaro? Será um avião? Não! É uma lengalenga original e muito divertida. Para crianças a partir dos 2 anos.”, por outro lado, no livro “A girafa que comia estrelas” lemos “Livro recomendado para o 2º ano de escolaridade, destinado a leitura orientada. História infantil sobre a amizade de uma girafa, que andava sempre com a cabeça nas nuvens, e uma galinha do mato, com a cabeça cheia de frases feitas.”

Para melhor avaliar a compreensão dos alunos Surdos relativamente às obras escolhidas, decidi recorrer a adaptações destas obras para LGP.

De facto, o PNL conta já com algumas adaptações das obras para LGP produzidas por parceiros, como é o caso da AFOMOS (Associação de Profissionais de Lecionação de Língua Gestual), contudo, o leque não é, por enquanto, muito amplo.

O PNL conta então com uma adaptação da história “O Cuquedo”, realizada através do projeto “Mão Cheia de Desculpas” (<https://youtu.be/RI-qNRlzB8w>) .

O projeto “Mão cheia de desculpas” é uma iniciativa do projeto editorial “Desculpas para ler” (<http://desculpasparaler.com/>) de Rita França Ferreira e tem em vista “promover práticas de leitura mais inclusivas”, através da criação de uma biblioteca de vídeos animados, a partir de adaptação de contos infantis para LGP (<https://www.pnl2027.gov.pt/np4/maoscheiasdedesculpas.html>) .

Contudo, por apenas “O Cuquedo” ter aqui uma adaptação e “A girafa que comia estrelas” não, e também pelo facto de esta adaptação ser realizada por um intérprete, considerando o já referido anteriormente acerca do assunto, adaptação por um intérprete vs. adaptação por um narrador Surdo, e de modo a tornar também este projeto mais elaborado e intimista, preferi eu, enquanto docente de LGP e Surda proceder às minhas próprias adaptações das histórias. Assim, elaborei as devidas adaptações, procedi à sua filmagem e edição, para que mais tarde iniciasse a investigação.

As adaptações em LGP por um narrador Surdo estão assim disponíveis em:

- “O Cuquedo” -
https://www.youtube.com/watch?v=1JwahgQyqXY&feature=youtu.be&ab_channel=SaraRocha (figura 4)
- “A Girafa que Comia Estrelas” -
https://www.youtube.com/watch?v=HBJLamvDL1k&ab_channel=SaraRocha (figura 5)



Figura 4. Adaptação em LGP da história "O Cuquedo"

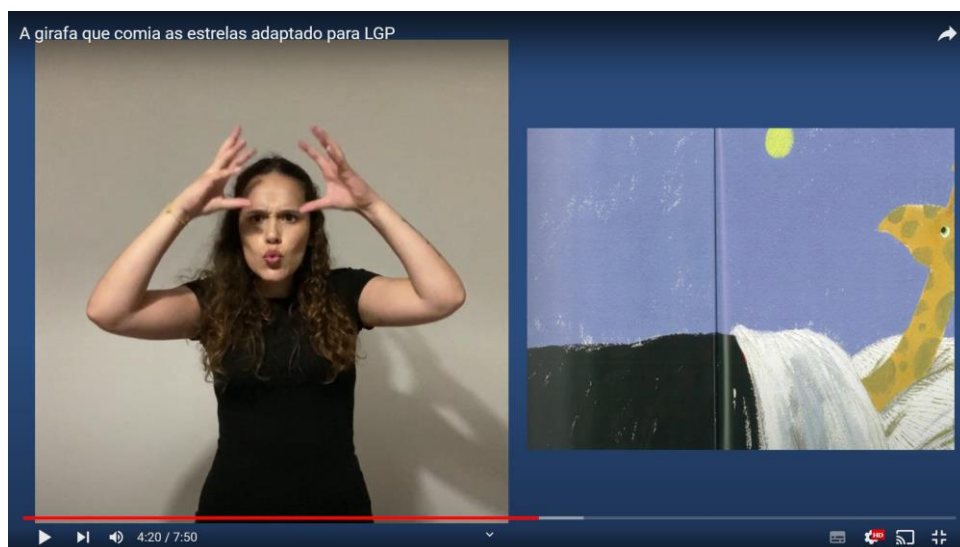


Figura 5. Adaptação em LGP da história "A girafa que comia estrelas"

Com as histórias escolhidas e devidamente adaptadas, passei a elaborar os restantes materiais que me iriam apoiar na investigação em si (fichas de trabalho, Power Point's, por exemplo).

Para a primeira obra “O Cuquedo”, comecei por elaborar uma ficha de trabalho bilingue (Apêndice 2).

Todas as perguntas da ficha em questão, são assim em texto escrito. Contudo, quanto às respostas, nas seis primeiras questões, como podemos ver no já referido apêndice, recorri a imagens gestuais (tendo eu tirado fotos a mim mesma a produzir os gestos).

Na sexta questão, como já anteriormente referido, também com o auxílio de imagens gestuais, o que se pretendia era a associação de imagens retiradas do livro, aos respetivos gestos.

A sétima pergunta é uma questão de ordenação de figuras retiradas do livro.

As últimas duas questões (oitava e nona) são apenas para tornar a aula mais atrativa (sendo aqui que estas não fizeram propriamente parte da investigação), em que se apresenta um pequeno labirinto e o pretendido é que o cuquedo encontre o caminho até aos animais e, por fim que os alunos desenhem o cuquedo.

Ainda relativamente à história “O Cuquedo” elaborei também um Powerpoint (Apêndice 3), com um questionário em LGP (pequenos vídeos com questões), tendo em vista uma revisão da história.

Passando agora aos materiais relativos à segunda história “A girafa que comia estrelas”, apenas elaborei, tal como referido anteriormente para a história “o cuquedo”, um questionário em LGP através de um Powerpoint (Apêndice 4), que contém pequenos vídeos onde gestuo as questões.

Em suma, foram seleccionadas então duas histórias – “O Cuquedo” e “A girafa que comia estrelas” - e preparadas fichas de trabalho e questionários (em formato vídeo apresentado em Powerpoint).

Após os materiais estarem definitivamente escolhidos, parti para uma planificação detalhada das aulas.

Foram planeadas três aulas com os intervenientes, sendo que nas primeiras duas aulas abordamos a história “O cuquedo” (Apêndice 5 e 6) e na terceira e última “A girafa que comia estrelas” (Apêndice 7).

Estas planificações permitiram-me avançar para a recolha de dados.

3.5. Recolha de Dados

Após o planeamento da investigação, chegou à altura de partir para a recolha de dados. Esta etapa, como já abordado anteriormente no ponto 3.1. (Metodologia) corresponde à fase da observação e posterior ação.

Aqui damos, efetivamente, início à investigação começando por trabalhar com os alunos Surdos, utilizando todos os materiais já referidos no ponto anterior de modo a que, através destes, possamos seguidamente partir para uma análise aprofundada dos resultados.

Para a recolha de dados e como referido anteriormente, foram necessárias apenas três aulas, de 50 minutos cada, com os intervenientes, sendo as duas primeiras destinadas à história “O Cuquedo” e a restante à história “A girafa que comia estrelas”.

3.5.1. História “O cuquedo” adaptada em LGP

3.5.1.1. Primeira Aula

Sabendo, desde logo, que não seria uma opção apresentar o livro fisicamente aos alunos Surdos para que estes pudessem ler, uma vez que, sem o auxílio de uma professora de educação especial, não o conseguem fazer e porque o objetivo da investigação é efetivamente tentar perceber se a compreensão dos textos narrativos ficcionais é feita de uma melhor forma por parte dos intervenientes através da utilização de adaptações para LGP, dei início à aula, como planeado (Apêndice 5) pedindo atenção aos alunos para a visualização da história (por mim adaptada em LGP) “O Cuquedo” que transmiti no quadro interativo (figura 6)



Figura 6. Apresentação da adaptação em LGP da história "O Cuquedo"

Todos os alunos se manifestaram interessados, estando muito atentos ao longo de toda a história.

Após a visualização da obra, questionei os alunos sobre eventuais dúvidas em relação ao conteúdo ou até mesmo em relação a algum gesto, contudo, nenhum deles se pronunciou pelo que comecei então por fazer algumas questões como por exemplo “Quem é a narradora da história?”, “Quem são as personagens?”, entre outras. A estas questões, os intervenientes responderam muito vagamente e sem grandes certezas sobre o que estavam a responder.

Perante a incerteza deles e para tentar reviver a memória, pedi-lhes então que tentassem fazer um pequeno resumo da história, o aluno A começava o resumo, o B continuava e o C acabava. Este pequeno resumo revelava-se importante para a fase seguinte que seria o reconto da história.

Durante o referido resumo, dentro dos possíveis e atendendo a que estavam muito inseguros quanto ao que tinham apreendido da história, os alunos corresponderam ao esperado. Contudo, o aluno B demonstrou alguma dificuldade sendo necessário o meu auxílio para gestuar corretamente.

De seguida, pedi a cada um dos alunos que individualmente e à vez, se levantassem e fosse ao quadro de modo a fazer o reconto da história, isto é, que reproduzissem a história que inicialmente tinham visualizado.

O aluno C, prontamente se voluntariou para ser o primeiro.

Ao analisar a sua tentativa de reprodução, percebi desde logo que este estava atrapalhado, utilizava um vocabulário muito básico e não tinha as ideias definidas.

Passando ao aluno B, como já referido anteriormente, este revela uma maior dificuldade em relação aos outros intervenientes, sendo que não conseguiu iniciar a reprodução sozinho, sendo necessário o meu auxílio.

Relativamente à aluna A, inicialmente pareceu-me estar um pouco reticente em começar, mas depois de uma pequena ajuda, conseguiu cumprir com o pretendido apesar de também utilizar um vocabulário básico, contudo melhor que o dos restantes intervenientes.

Devo aqui dizer que, o facto de estarmos obrigados a utilizar máscara, por estarmos perante uma pandemia, não ajudou, uma vez que dificultou a percepção das expressões faciais que na produção gestual são de extrema relevância.

Posto isto, avançamos para a ficha de trabalho (Apêndice 2).

Comecei por apresentá-la no quadro interativo, explicando as questões em LGP aos alunos. Procedi à distribuição das fichas pelos alunos para que assim iniciassem a sua realização (figura 7), até ao final da aula.



Figura 7. Realização da Ficha de Trabalho sobre "O Cuquedo"

As respostas serão analisadas posteriormente na parte IV, destinada à análise de resultados.

3.5.1.2. Segunda Aula

Na segunda aula (Apêndice 6), começamos por fazer uma revisão da adaptação da história “O Cuquedo” adaptada em LGP para reavivar a memória dos alunos em relação à última aula.

De seguida, voltei a pedir aos alunos, que fizessem individualmente o reconto da história, como havíamos feito na aula anterior, contudo, após ter percebido na aula anterior que todos tiveram dificuldade nesta tarefa, desta vez decidi exemplificar como deve ser feito um reconto de uma história.

Os alunos voltaram assim a fazer o reconto da história, efetivamente com algumas melhorias mas não muito significativas. Referir ainda que o aluno B, em relação aos outros dois, continuou a demonstrar uma maior dificuldade.

De seguida, avançamos para a apresentação do questionário em LGP (Apêndice 3). Os alunos começavam por assistir a pequenos vídeos com as questões e de seguida, respondiam voluntariamente (figura 8.).



Figura 8. Apresentação do questionário em LGP acerca da história “O Cuquedo”

Também estas respostas serão então analisadas na parte IV, destinada a análise de resultados.

3.5.2. História “A girafa que comia estrelas” adaptada em LGP

Passando agora à terceira aula, esta estava então destinada a apresentação da história “A girafa que comia estrelas”

De acordo com o planeado (Apêndice 7), e à semelhança do realizado para a história anterior, iniciei a aula, pedindo atenção aos alunos para a visualização da história (por mim adaptada em LGP) “A girafa que comia estrelas ” que transmiti no quadro interativo (figura 9).



Figura 9. Apresentação da adaptação em LGP da história "A girafa que comia estrelas"

Após a visualização, avancei para a apresentação do questionário em LGP (Apêndice 4), como podemos ver na figura abaixo (figura 10.).



Figura 10. Apresentação do questionário em LGP acerca da história "A girafa que comia estrelas"

A aula foi toda ela ocupada com as perguntas e respostas a este questionário que mais tarde serão analisadas (parte IV).

PARTE IV – ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1. Diagnóstico de dados

4.1.1. Resultados da História “O cuquedo” adaptada em LGP

A investigação relativamente à história adaptada em LGP “O cuquedo” ocorreu em três momentos distintos.

Num primeiro momento, como abordado anteriormente, pediu-se aos alunos que resumissem/recontassem a história que visualizaram.

Num segundo momento, foi entregue uma ficha de trabalho (Apêndice 2). para que procedessem à resolução.

E por fim, no terceiro momento, foi feito um questionário em LGP (Apêndice 3).

4.1.1.1. Resumo/ Reconto da História

Relativamente ao pedido de resumo da história (alternando entre os intervenientes), dentro dos possíveis e atendendo a que estavam muito inseguros quanto ao que tinham fixado acerca da história, os alunos corresponderam ao esperado, sendo que apenas um sujeito, o aluno B, demonstrou alguma dificuldade sendo necessário o meu auxílio para que gestuasse corretamente.

Passando ao reconto da história, este foi realizado duas vezes sobre a mesma história para que se percebesse se havia melhorias.

Na primeira vez, o aluno C utilizou um vocabulário muito básico demonstrando não ter ideias concretas sobre o que pretendia dizer.

Passando ao aluno B, como já referido anteriormente, este revelou uma maior dificuldade em relação aos outros sujeitos. Este, não conseguiu iniciar a reprodução sozinho, sendo necessário o meu auxílio, contudo, conseguiu acompanhar as ideias embora com alguma dificuldade e vocabulário básico.

Relativamente à aluna A, inicialmente pareceu-me estar um pouco reticente em começar, mas depois de uma pequena ajuda, conseguiu cumprir com o pretendido apesar de também utilizar um vocabulário básico, contudo melhor que o dos restantes intervenientes.

Na segunda aula, em que repetimos o reconto da história, após uma exemplificação pela minha parte, foi notória uma melhoria, contudo, não muito significativa.

Este reconto permitiu apurar que há efetivamente, para os alunos Surdos uma grande dificuldade na comunicação recetiva que se traduz numa dificuldade, ainda maior, relativamente à comunicação expressiva e que analisarei mais abaixo.

4.1.1.2. Ficha de Trabalho

A ficha de trabalho relativa à história “O cuquedo” (Apêndice 2), era constituída por nove questões, contudo, apenas vamos considerar aqui sete, uma vez que as restantes duas eram meramente para tornar a aula mais atrativa.

Nesta história, são apresentados alguns animais de grande porte: desde girafas, passando por zebras, elefantes, hipopótamos, rinocerontes, entre outros. Todos eles andam numa correria de lá para cá e de cá para lá. Esta correria deve-se a necessidade que têm de fugirem do Cuquedo; ele que mete medo. Ele, que chegou à selva, é muito assustador, prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar. O Cuquedo é um monstro.

Assim, as perguntas realizadas na ficha de trabalho foram as seguintes:

1. Qual é o título da história?
2. Quem são as personagens da história?
3. A história passa-se onde?
4. O cuquedo é muito...
5. O cuquedo é...
6. Liga as imagens aos gestos
7. Coloca por ordem as imagens da história.

Na primeira questão tínhamos duas possíveis respostas: “O Bicho” e “O Cuquedo”.

Na segunda questão, perguntávamos “Quem são as personagens da história?” e nas opções das respostas eram apresentadas 9 personagens: Elefantes, Leões, Hipopótamos, Girafas, Sapos, Rinocerontes, Cuquedo, Macacos, Zebras.

Na terceira questão tínhamos três opções de resposta – “na floresta”; “na escola”; “em casa”.

Na quarta questão, nas opções de resposta havia 3 respostas: “simpático”; “bonito”; “assustador”.

Na quinta questão, procurou-se saber a cor do cuquedo e nas opções tinham 3 respostas que eram “branco”; “preto”; “amarelo”.

A questão seis requeria que os alunos ligassem as imagens aos gestos.

Os resultados desta ficha de trabalho foram surpreendentes, na medida em que, perante as dificuldades relativas ao reconto esperava que os alunos não conseguissem responder positivamente a todas as questões colocadas, contudo, todos os alunos responderam corretamente às questões como demonstra o gráfico abaixo.

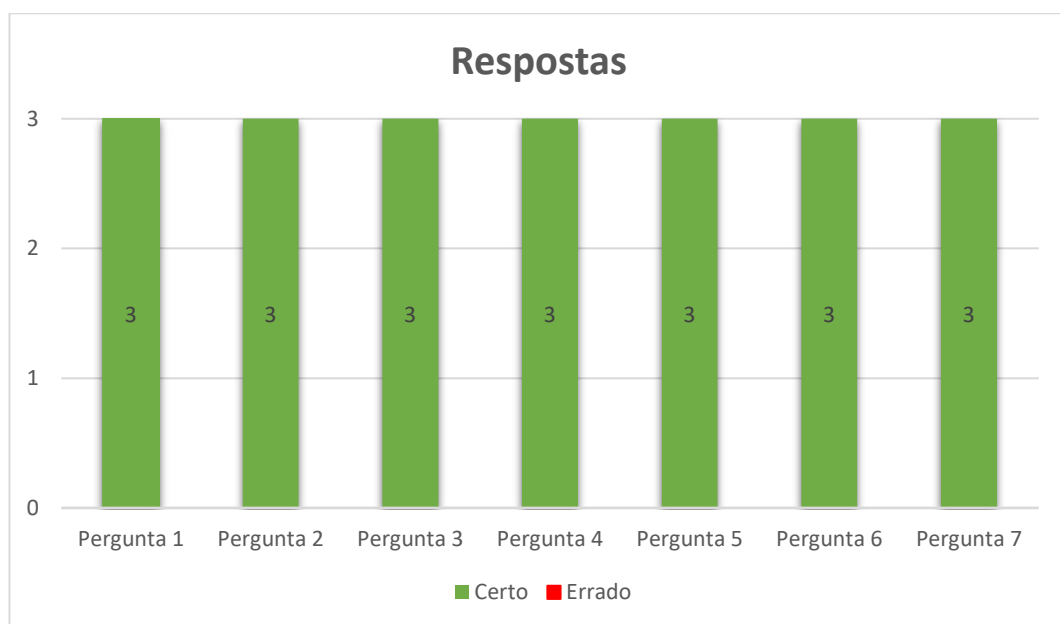


Gráfico 2. Respostas à ficha de trabalho "O Cuquedo"

Estes resultados permitiram-me concluir que, a insistência no reconto da história poderá ter contribuído de forma positiva para que esta ficha de trabalho tivesse sucesso.

4.1.1.3. Questionário em LGP

Relativamente ao questionário em LGP, foram realizadas 11 questões, sendo elas:

1. Qual é o título da história?
2. Quem narrou a história?
3. A história passa-se onde?
4. Quem são as personagens?
5. Qual era a descrição do animal?
6. Como é que era o Cuquedo?
7. Como é que era a boca do Cuquedo?
8. Como é que eram os olhos do Cuquedo?
9. Como é que eram as orelhas do Cuquedo?
10. Como eram as patas do Cuquedo?
11. Como é que era o Cuquedo (personalidade)?

Todas as questões não tinham opções de resposta sendo então de resposta aberta e os resultados foram os seguintes:

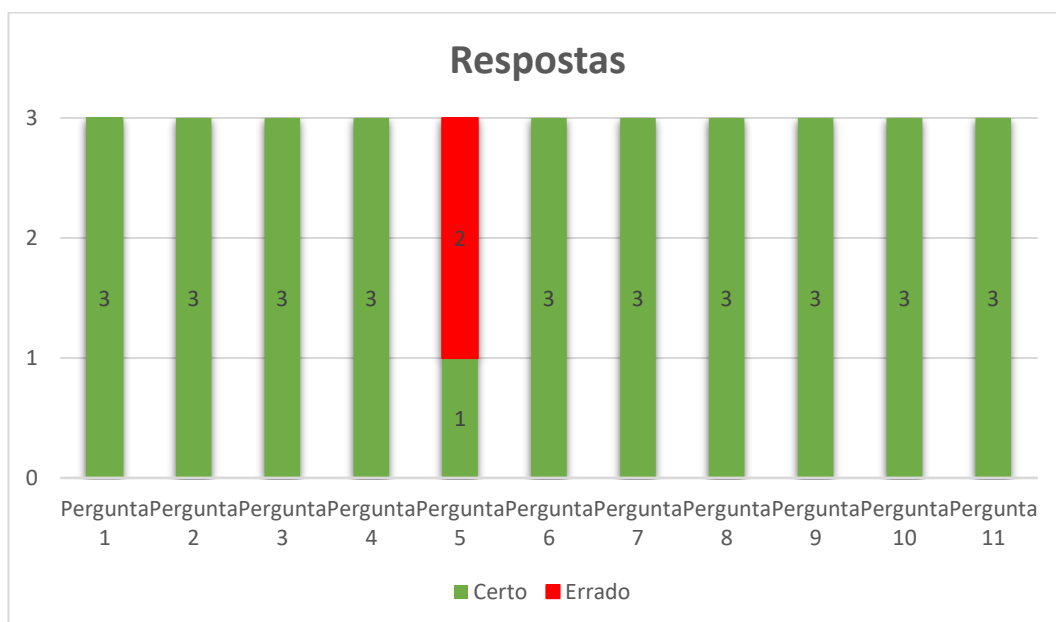


Gráfico 3. Respostas ao questionário em LGP "O Cuquedo"

Os resultados a este questionário atendendo então ao gráfico acima (gráfico 3.) foram deveras positivos, uma vez que em onze questões, apenas uma delas (questão 5 – qual

era a descrição do animal?), não foi respondida corretamente pelos 3 intervenientes, sendo que apenas um acertou.

4.1.2. Resultados da História “A girafa que comia estrelas” adaptada em LGP

A investigação relativamente à História adaptada em LGP “A girafa que comia estrelas”, diferentemente do que se realizou para a obra anterior, apenas ocorreu em um momento, sendo que aqui apenas foi realizado um questionário em LGP.

4.1.2.1. Questionário em LGP

Nesta história fala-se de Olímpia, “uma girafa, que andava sempre com a cabeça nas nuvens, a tentar ver anjos e a comer estrelas, e Dona Margarida, uma galinha do mato com a cabeça cheia de frase feitas. Conhecem-se e ficam amigas. Queriam resolver o problema da seca que tanto prejudicava a sua terra.”

Assim, as perguntas realizadas neste questionário foram as seguintes:

1. Qual é o título da história?
2. Quem narrou a história para LGP?
3. Quem são as personagens da história?
4. Como se chamava a girafa?
5. Como era a girafa?
6. Como se chamava a amiga da girafa?
7. O que fazia a girafa?
8. A avó da girafa contava o quê?
9. Rodeia as opções corretas.
 - 9.1. A olímpia comia o quê?
 - 9.2. Quando a olímpia comia as estrelas?
 - 9.3. No ninho da galinha não tem...
 - 9.4. As estrelas eram...
10. Conta um pequeno resumo da história em LGP.

De entre estas dez questões, apenas a pergunta nove tinha opções, todas as restantes eram de resposta livre, sendo então que a pergunta dez pretendia o reconto que na história anterior havia sido realizado em primeiro lugar.

Para as primeiras oito questões os resultados não foram tão positivos quanto os relativos à história do “Cuquedo”.

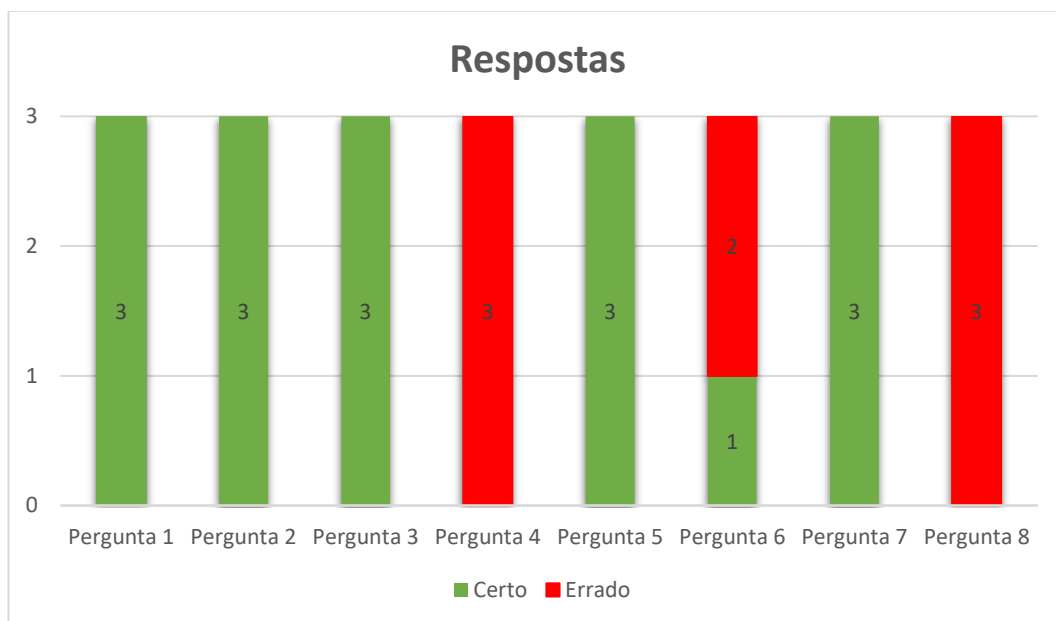


Gráfico 4. Respostas ao questionário em LGP "A girafa que comia estrelas" até à questão 8

Como demonstra o gráfico acima (gráfico 4.), à pergunta 4, 6 e 8, isto é, “Como se chamava a girafa”, “como se chamava a amiga da girafa?” e “a avó da girafa contava o quê?”, respetivamente, os alunos responderam erradamente (na pergunta 6, apenas 1 dos intervenientes respondeu corretamente).

Relativamente à nona questão, que, como referido anteriormente, tinha opções de resposta, os resultados foram os seguintes:

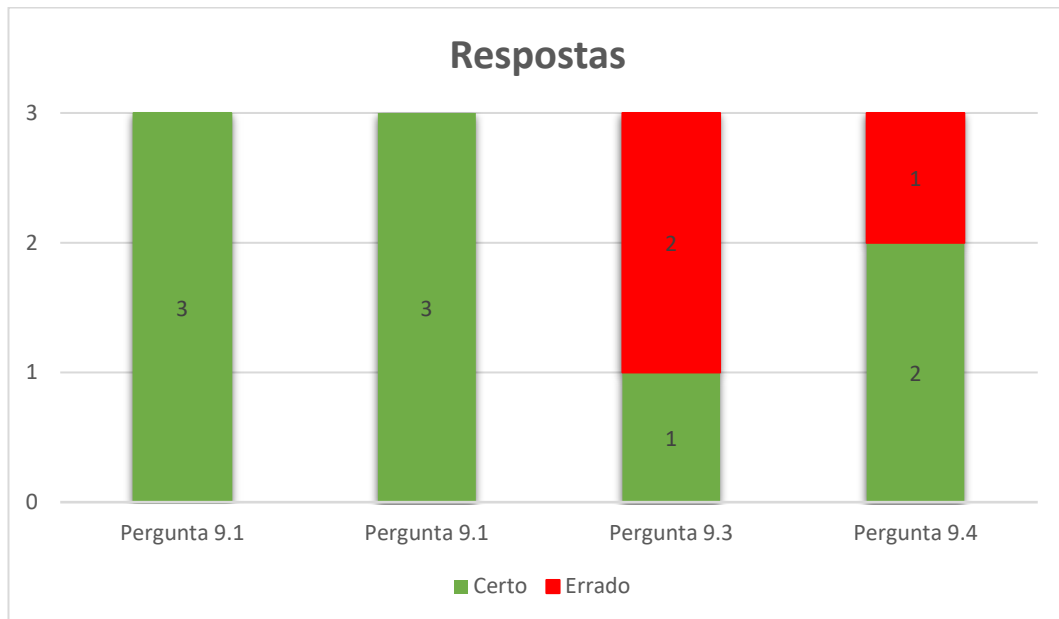


Gráfico 5. Respostas ao questionário em LGP "A girafa que comia estrelas", questão 9 com opções de resposta

Também aqui, apesar das opções de resposta, os resultados não foram os melhores, uma vez que em quatro questões, apenas duas foram respondidas pelos 3 intervenientes, corretamente.

A décima questão, pretendia então que os alunos procedessem a um resumo em LGP da história.

Apesar de esperar aqui que houvesse um melhoramento relativamente à primeira vez em que recontaram o “cuquedo”, devido à possibilidade de já terem compreendido como se deve fazer um reconto, na realidade, pouco mudou. Os alunos procederam ao reconto/resumo utilizando um vocabulário muito básico, contudo, relativamente ao conteúdo da história, em si, notei que tentavam explorar um bocadinho mais a história.

4.2. Reflexão sobre os resultados

Passando agora à análise em concreto dos resultados obtidos, procurarei aqui, tirar algumas conclusões acerca da investigação e perceber assim se as problemáticas e consequentemente os objetivos foram resolvidos.

Quanto à comunicação recetiva e comunicação expressiva, foi claro para mim desde logo que há uma maior facilidade na comunicação recetiva do que na comunicação expressiva. Tal pode apurar-se pelo facto de ter entendido que todos os alunos, conseguiam fazer o reconto da história o que demonstra que de facto, compreenderam a adaptação da história em LGP (comunicação recetiva), contudo, demonstravam sempre dificuldade em expressar-se utilizando assim um vocabulário muito básico o que se traduz na referida dificuldade da comunicação expressiva.

Isto deve-se ao facto de estes alunos Surdos não estarem habituados a este tipo de histórias, adequadas à idade deles e adaptadas por um narrador Surdo. Consequentemente, o que se dá é que estes alunos Surdos não estão habituados a pensar sobre as histórias, não conseguindo assim distinguir a ficção da realidade e compreender o conteúdo em si da história.

Relativamente ao uso das histórias adaptadas por mim (narrador Surdo), foi claro que é muito vantajoso recorrer a este tipo de adaptações e não a uma tradução simples da obra para LGP, pois se analisarmos os gráficos relativos às respostas às fichas de trabalho e questionários, percebemos com facilidade que todos os alunos responderam corretamente a 24 questões, tendo errado apenas 6 questões, sendo que destas 6, apenas 2 foram respondidas erradamente pelos 3 intervenientes, o que demonstra aqui que de facto os alunos compreenderam, na medida do possível, as histórias ficcionais apresentadas, querendo isto salientar que a comunicação recetiva é positiva, contrariamente à comunicação expressiva.

Quanto à leitura-descodificação e leitura-compreensão, os resultados permitem-me concluir que não concordo com o abordado anteriormente em relação a esta, isto é, não noto que haja aqui uma prioridade na “leitura-descodificação” e não na “leitura-compreensão”, uma vez que há uma maior compreensão leitora quando mediados pela LGP. Quer isto dizer que, ao utilizar os textos adaptados em LGP e os questionários inclusive, a criança Surda tem um melhor acesso à história pelo que consegue com maior facilidade compreendê-la.

Por fim, comparando agora o abordado anteriormente estudo de Fernandes (1990), em que foi utilizado o texto e reprodução escrita, com os resultados obtidos nesta

investigação, temos que, no estudo desta autora, apenas 10% da amostra conseguiu de facto compreender e reproduzir o texto, sendo os restantes resultados muito negativos. Por outro lado, nesta investigação, ao utilizar a LGP como foco principal, isto é, utilizando adaptações em LGP, questionários em LGP e ao dar a oportunidade aos alunos Surdos para se expressarem nesta que é a sua língua, os resultados afiguraram-se muito mais positivos, uma vez que apesar de haver dificuldade em expressar-se, consegui apurar que estes de facto compreenderam a história.

Neste aspeto, é ainda importante frisar que os materiais por mim elaborados e utilizados na investigação, foram muito lúdicos, na medida em que não só procuravam transmitir as informações aos alunos Surdos, mas também dar-lhes prazer em aprender, demonstrando que é possível estudar e divertir-se ao mesmo tempo.

Por exemplo, em relação aos vídeos com as adaptações para LGP das histórias “O cuquedo” e “A girafa que comia estrelas”, foi utilizada a gravação da adaptação, conjuntamente com imagens reais retiradas dos respetivos livros, de forma a cativar a atenção do aluno e de lhes possibilitar a melhor compreensão possível. Em relação às fichas de trabalho, procurou-se incluir na parte final exercícios mais criativos como por exemplo desenhar o Cuquedo e resolver um labirinto para que este chegasse aos animais.

Ainda quanto aos resultados às questões colocadas nas fichas de trabalho e questionários em LGP, o que os gráficos permitiram concluir foi que, na ficha de trabalho “O Cuquedo”, todas as questões tinham opção de resposta e todos os alunos acertaram nas 7 perguntas. Aqui, penso dever-se ao facto de ter havido anteriormente uma insistência no reconto da história, que os fez estimular mais as ideias e compreender de facto a história.

Quanto ao questionário em LGP relativo a esta história, este possuía 11 questões de resposta aberta sendo que o aluno C acertou em todas as perguntas e, 2 alunos, o aluno A e o aluno B, erraram a questão 5 que o que pretendia ver respondido era “Qual era a descrição do animal?”. O aluno B apenas referiu “era preto o cuquedo” (o que veremos a seguir, não estar completamente errado, já o aluno A referiu também que era “preto o cuquedo” e acrescentou que era “uma girafa”, sendo então que esta última resposta não faria qualquer sentido na história em questão.

A resposta certa a esta questão, a qual o aluno C respondeu prontamente e corretamente seria que o Cuquedo é um monstro, preto! O facto de os alunos A e B não terem conseguido responder que o Cuquedo se trata de um monstro, poderá prender-se um pouco com a dificuldade que estes apresentam em distinguir a ficção da realidade, na medida em que ainda não compreendem muito bem o que significará ser um “monstro”.

Contudo, considerando tratarem-se de questões de resposta aberta, o resultado foi positivo.

Quanto à história da “Girafa que Comia Estrelas”, num total de 12 questões (aqui considerando as questões 9.1 a 9.4), todos os alunos acertaram em 7 questões, o que não deixa de ser positivo, contudo como veremos a seguir, esta história revelou-se mais complexa para os alunos.

Relativamente às questões erradas, todos os alunos erraram as questões 4 e 8 que o que pretendiam ver respondido era “Como se chamava a girafa?” e “A avó da girafa contava o quê?”, respetivamente. Aqui, foi notória uma dificuldade em associar nomes aos animais e em entender como é que um animal tem uma avó. Contudo, a maior dificuldade residiu no facto de estes não compreenderem aquilo que a avó da girafa contava uma vez que o que esta dizia era que, quando as pessoas morrem, transformam-se em anjos e vão para o céu. Ora, esta “informação” já é difícil de compreender por qualquer criança e considerando estar inserida numa história ficcional, ainda mais difícil se revelou a sua compreensão, ficando demonstrada aqui mais uma vez a dificuldade que estes alunos têm na distinção entre ficção e realidade.

À pergunta 6, “como se chamava a amiga da girafa?”, apenas o aluno C respondeu corretamente, sendo então que o aluno A e B erraram, demonstrando assim mais uma vez a dificuldade em atribuir nomes aos animais.

Relativamente às questões 9, estas já contavam com opção de resposta, contudo, á questão 9.3 (“no ninho da galinha não tem...”) erraram 2 alunos (alunos A e B) que, perante opções de resposta se revelaram muito confusos. Por sua vez, á questão 9.4 (“as estrelas eram...”) apenas errou 1 aluno, o aluno B que no caso, se recusou a responder.

Para concluir, referir que foi muito positivo perceber que, mesmo sem opções de resposta os alunos conseguiam responder maioritariamente de forma correta as questões colocadas. Tal, na minha opinião, se deve ao facto de que, ao terem opções de resposta os alunos restringem a sua mente ao que têm á sua frente, não conseguindo pensar além e acabando por ficar confusos. Por outro lado, quando se trata de respostas abertas, os alunos estimulam o pensamento e conseguem exprimir da melhor forma a informação que retiveram e que releva para a resposta. Todavia, acrescento que é de maior relevância a adaptação destas histórias e seu uso exploratório em sala de aula para o aluno distinguir a ficção da realidade, contruindo noções sobre imaginário e real, solidificando o pensamento abstrato. Só se consegue isto insistindo na compreensão leitora através da LGP.

PARTE V - CONCLUSÃO

5.1. Conclusão

Chegado o momento da conclusão, é altura de fazer uma síntese dos resultados a que esta investigação permitiu chegar.

É um facto que todos os objetivos propostos para esta investigação foram cumpridos permitindo assim refletir sobre os resultados.

A maior conclusão que se retira desta investigação é a circunstância de que apesar de já existirem diversas histórias em LGP, nomeadamente no PNL como abordado ao longo do relatório, todas as histórias utilizadas na educação da criança Surda deviam ser adaptadas por um semelhante, isto é, por um narrador Surdo, uma vez que a utilização das mesmas se revela muito positiva.

Como professora de LGP Surda e convivendo todos os dias com outros professores da área que não são Surdos, é fácil compreender que um aluno Surdo tem maior facilidade na compreensão de histórias quando tem um semelhante (uma pessoa Surda) a fazer a adaptação da história.

Assim, a par desta adaptação das histórias para LGP, devemos ter sempre em consideração a idade da criança e a anterior convivência com histórias de modo a facilitar que haja efetivamente uma compreensão das histórias abordadas o que se traduz numa maior capacidade de se expressar relativamente às mesmas.

Através desta investigação podemos perceber que a criança Surda, quando “munida” da LGP é capaz sim de fazer tudo aquilo a que habitualmente a generalidade das pessoas deduzem um Surdo não conseguir, pelo facto de lhes faltar a audição.

É fundamental que se potencie o reconto e a reflexão sobre histórias infantis para que a criança cresça plenamente integrada no mundo que a circunda, com estímulos adequados à sua idade e que lhe permitam refletir e fruir. Estimular também a imaginação com narrativas ficcionais para que as crianças distingam o verosímil do fantástico é fundamental para o seu sucesso educativo.

BIBLIOGRAFIA

- Abramovich, F. (2001). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. Scipione. São Paulo.
- Agualusa, J. E. (2005). *A girafa que comia estrelas*. Dom Quixote.
- Almeida, L. e Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. APPORT. Braga.
- Almeida, V., Vaz, H., e Correia, I. (2019). *A Educação de Surdos em Portugal: o Sistema Bilíngue, o Currículo e a Docência no Ensino da Língua Gestual Portuguesa*. Revista Educação Especial.
- Barthes, R. [et. al]. (2013). *Análise Estrutural da Narrativa*. 8ª edição, Editora Vozes. Petrópolis.
- Bryman, A. (2008). *Social research methods*. 3ª edição, Oxford University Press. New York.
- Carmo, H. , Martins, M. , Morgado, M. e Estanqueiro P. (2007). *Programa curricular de língua gestual portuguesa*. Ministério da Educação.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para autoaprendizagem*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Cohen, L. e Manion, L. (1985). *Research Methods in Education*. 2ª edição, Croom Helm. Kent.
- Creswell, J. (2008). *Educational research. Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research*. Pearson International Edition. New Jersey.
- Cruz, V. (2007). *Uma Abordagem Cognitiva da Leitura* . Lidel.
- Cunha, C. (2008). *O cuquedo*. Livros Horizonte. Lisboa.
- Fernandes, E. (1990). *Problemas linguísticos e cognitivos do surdo*. Agir. Rio de Janeiro.
- Fernandes, S. (2016). *Métodos de Ensino da Leitura e da Escrita: Conceções de Docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Superior de Educação e Ciências.

- Gomes, C. (2012). *A Reconfiguração Política da Surdez e da Educação de Surdos em Portugal: entre os Discursos Identitários e os Discursos de Regulação*. Universidade do Porto. Porto
- Griffith, P.L. e Ripich, D.N. (1988) *Story structure recall in hearing-impaired, learning-disabled, and nondisabled children*. American Annals of the Deaf.
- Kemmis, D. (1990). *Community and the Politics of Place*. University of Oklahoma Press. Oklahoma.
- Lichtig, I. e Barbosa, FV. (2010). *Abordagem bilíngue na terapia fonoaudiológica de surdos*. 2ª edição, Roca. São Paulo.
- LODI, A . C. (2004). *Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes : reflexões sobre a prática*. Distúrbios da comunicação. São Paulo.
- Moore, G. (1983). *Developing and evaluating educational research*. Little Brown and Company. Boston.
- Noffke, S. (1997). Professional, Personal, and Political Dimensions of Action Research. *Review of Research in Education*, p.306
- Rebelo, A. (2002). *Comunicação e locus social da criança Surda*. Análise Psicológica.
- Sisto, C. (2001). *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Argos. Chapecó.
- Soares, D.C.R. (2005). *O cérebro X aprendizagem*.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte. Lisboa.
- Sousa, M. e Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Pactor. Lisboa.

WEBGRAFIA

LGP MOVIMENTO [Consult. 30 de ago. 2022] Disponível em <https://lgpmovimento.aejac.pt/>

AEJAC – *Centro Escolar de Alagoas*. [Consult. 30 de ago. 2022] Disponível em <https://aejac.pt/ce-alagoas/>

PNL – *Quem somos*. [Consult. 14 de set. 2022] Disponível em <https://www.pnl2027.gov.pt/np4/quemsomos.html>

PNL – *Leitura mais acessível*. [Consult. 14 de set. 2022] Disponível em https://www.pnl2027.gov.pt/np4/leitura_mais_acessivel.html

MÃOS CHEIA DE DESCULPAS - «*Cuquedo*» de Clara Cunha, em *língua gestual portuguesa*. [Consult. 22 de set. 2022] Disponível em <https://youtu.be/RI-qNRlZB8w>

DESCULPAS PARA LER [Consult. 22 de set. 2022] Disponível em <http://desculpasparaler.com/>

SARA ROCHA - *O Cuquedo história adaptada para LGP*. [Consult. 24 de set. 2022] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=1JwahgQyqXY&feature=youtu.be&ab_channel=SaraRocha

SARA ROCHA - *A girafa que comia as estrelas adaptado para LGP*. [Consult. 24 de set. 2022] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=HBJLamvDL1k&ab_channel=SaraRocha

JURISPRUDÊNCIA

DECRETO-LEI n.º 54/2018. D.R. I Série 2918-2928 (2018-07-06). Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva.

LEI 89/99 n.º 154/1999. D.R. I-A Série (1999-07-05). Define as condições de acesso e exercício da atividade de intérprete de língua gestual.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Consentimento Informado



Eu, Sara Cristina Rocha Coelho , venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo de MESTRADO EM ENSINO DE LINGUA GESTUAL PORTUGUESA que estou a realizar na Escola Superior de Educação de Coimbra , orientado pela Professora Isabel Correia , o qual tem por finalidade TEMA DO RELATÓRIO. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, ao Relatório Final.

Assinatura da mestrandia

Consentimento informado

Eu, _____ (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo , que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura _____

Autorização excecional

Declaro que autorizo a utilização de imagens recolhidas exclusivamente para a elaboração do relatório, divulgação em encontros científicos e possível publicação, desde que previamente verificadas por mim.

Assinatura _____

Apêndice 2 – Ficha de Trabalho “O Cuquedo”

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

Ficha de Trabalho de LGP

Nome: _____ Ano: _____

Data: _____



1 – Qual é o título da história?

☐☐

2 – Quem são as personagens da história?

☐☐☐☐☐☐☐☐☐

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

3 – A história passa-se onde?

☐☐☐

4 – O Cuquedo é muito...

☐☐☐

5 – O Cuquedo é...

☐☐☐

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

6 – Liga as imagens aos gestos.



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

7 – Coloca a ordem das imagens da história.


☐

☐

☐

☐

☐

☐

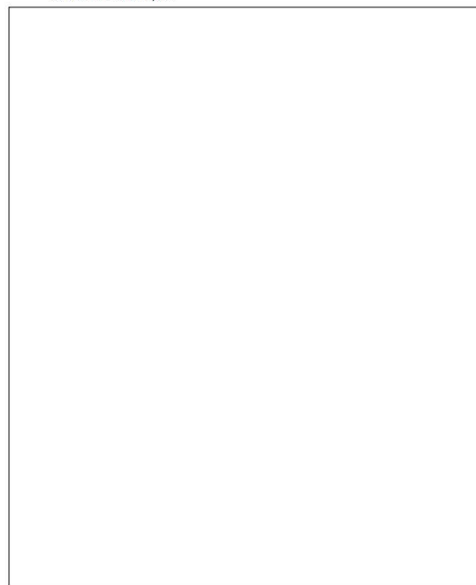
Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

8 – Ajuda o Cuquedo a encontrar o caminho até aos animais.



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

9 – Faz o desenho do Cuquedo.



Bom trabalho! 🍌

Apêndice 3 – Questionário em LGP “O Cuquedo”

Link de acesso ao Power Point para visualização dos vídeos com as questões:

<https://drive.google.com/drive/folders/1WmUAFrVnvfORn5nQAFHHe7up5R2j5N-I>



Pergunta 3



Pergunta 4



Descrição



Pergunta 7



Pergunta 8



Pergunta 9



Pergunta 10



Pergunta 11

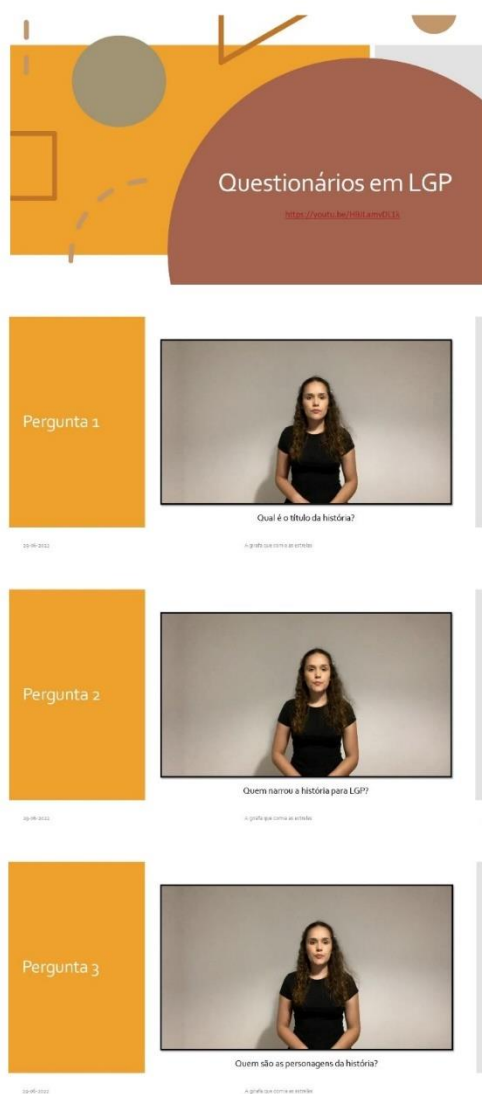


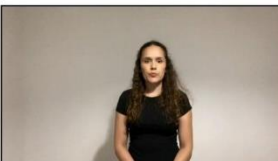
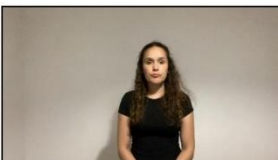
BOM TRABALHO! 😊

Apêndice 4 – Questionário em LGP “A Girafa que Comia Estrelas”

Link de acesso ao Power Point para visualização dos vídeos com as questões:

https://drive.google.com/drive/folders/1EVROHKQFTCZU_zMgYxiQVVlu4dDPhKBj



Pergunta 4		Como se chama a girafa?	7
09/06/2020	A girafa chama-se Olímpia		
Pergunta 5		A girafa como é que era?	16
09/06/2020	A girafa que queria ser diferente		
Pergunta 6		Como se chama a amiga da girafa Olímpia?	7
09/06/2020	A girafa que queria ser diferente		
Pergunta 7		O que fazia a girafa Olímpia?	8
09/06/2020	A girafa que queria ser diferente		

Pergunta 8

A avó da girafa contava o quê?

A girafa que comia as estrelas

Pergunta 9

Rodeia as opções corretas

A girafa que comia as estrelas

Pêssego

Nuvens

Estrelas

A Olimpia comia o quê?

A girafa que comia as estrelas

De manhã

À noite

De tarde

Quando a Olimpia comia as estrelas?

A girafa que comia as estrelas

12

No ninho da galinha não tem...

13

As estrelas eram...

Salgadas

Ardor na garganta

Doces

14

Pergunta 10

Conta um pequeno resumo da história em LGP

15

Bom trabalho! 😊

16

Apêndice 5 – Planificação “O Cuquedo”, 1ª Parte



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa
Ano Letivo: 2021/2022

Nível de Ensino: 3º ano		Tema: “O Cuquedo”	
Conteúdos	Competências	Percorso da aula	Recursos Materiais
Interação em LGP Atenção visual Literacia em LGP Compreensão de narrativas Análise de narrativas Produção	Prestar atenção ao seu interlocutor, tendo um papel de recetor ativo na comunicação; Visionar histórias narradas por pessoas Surdas, em presença ou em vídeo. Ter prazer em sentir que as suas produções gestuais são compreendidas; Distinguir e produzir enunciados poéticos, dramáticos e narrativos em LGP;	➤ Pedir atenção aos alunos, hoje vamos ver um vídeo de uma história em vídeo “O Cuquedo”. ➤ Começo a mostrar o vídeo da história e vou perguntado se tem dúvidas relacionado com a história e também dos gestos. E a seguir vou perguntando se perceberam a história e depois vou fazendo perguntas relacionado com a história do “Cuquedo”, por exemplo: “Quem foi a narradora da história?”, “Quem são as personagens?”... ➤ A seguir vou pedir um a um para produzir a história visualizada anteriormente. ➤ Depois a professora vai mostrar a ficha de trabalho no quadro interativo e explicar as perguntas aos alunos. Os alunos vão respondendo as perguntas. E no fim distribuo as fichas de trabalho para fazerem individualmente.	50 m Projetor; Quadro interativo; Computador; Fichas de trabalho

Data: 21/02/2022
Sara Cristina Rocha Coelho

Apêndice 6 – Planificação “O Cuquedo”, 2ª Parte



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa
Ano Letivo: 2021/2022

Nível de Ensino: 3º ano

Tema: “O Cuquedo”

Conteúdos	Competências	Percurso da aula		Recursos Materiais
Interação em LGP Atenção visual Comunicação Interpessoal Intencionalidade Literacia em LGP Compreensão de narrativas Análise literária	Prestar atenção ao seu interlocutor, tendo um papel de recetor ativo na comunicação; Responder a questionários gestuais; Ter prazer em sentir que as suas produções gestuais são compreendidas; Trabalhar a estruturação de enunciados narrativos, incluindo elementos como a localização no tempo, no espaço, as personagens e a ordem dos acontecimentos; Compreender diferentes tipos de enunciado gestual, descobrindo as suas características;	➤ Pedir atenção aos alunos, hoje vamos rever a história visualizada na aula anterior “O Cuquedo”. ➤ Começo a mostrar novamente o vídeo da história e depois pergunto se perceberam ou se lembram bem da história. E a seguir vou mostrar uma atividade em Power point no quadro interativo. ➤ Peço novamente aos alunos para estarem atentos às minhas perguntas e responder em LGP, por exemplo “Quem foi a narradora da história?”; Como é que é o Cuquedo?; “Os olhos do Cuquedo como é?”, etc... com objetivo descobrir as suas características da personagem da história.	40 m	Projetor; Quadro interativo; Computador; Power point

Data: 07/03/2022
Sara Cristina Rocha Coelho

Apêndice 7 – Planificação “A girafa que comia estrelas”



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa
Ano Letivo: 2021/2022

Nível de ensino: 1º ciclo – 2 e 3º ano

Tema: “A girafa que comia estrelas”

Data: 27-06-2022

Conteúdos	Competências	Percurso da aula	Tempo	Recursos Materiais
Interação em LGP Atenção visual LGP, Comunidade e Cultura História Literacia em LGP Utilização de recursos	Prestar atenção ao seu interlocutor, tendo um papel de recetor ativo na comunicação; Visionar histórias narradas por pessoas Surdas, em presença ou em vídeo. Ter prazer em sentir que as suas produções gestuais são compreendidas; Distinguir e produzir enunciados poéticos, dramáticos e narrativos em LGP;	Pedir atenção aos alunos, hoje vamos ver um vídeo de uma história em vídeo “A Girafa que comia estrelas”. Começo a mostrar o vídeo da história e no fim vou perguntado se tem dúvidas relacionado com a história e também dos gestos. De seguida vou perguntando se perceberam a história e depois vou fazendo perguntas relacionado com a história, por exemplo: “Quem foi a narradora da história?”, “Quem são as personagens?”, etc.. Depois a professora mostra o questionário no power point, peço muita atenção as perguntas em vídeo e responder em LGP. Os alunos vão respondendo as perguntas às questões.	90 min	Computador Projetor Power point

Apêndice 8 – Competências Transversais, relativas á literacia em LGP no PCLGP



LITERACIA EM LGP	COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS
Compreensão	Usar os conhecimentos prévios para antecipar o que irá acontecer e compreender os conteúdos;
Produção	- Distinguir ficção da realidade; - Conhecer formas discursivas tais como a narrativa e a descrição; - Expressar a sua criatividade através da LGP;
Funções da língua	- Comunicar plenamente pensamentos e sentimentos; - Transformar mensagens não verbais (imagens, cartazes publicitários, gráficos, mímica, etc.) em enunciados gestuais; - Apreender informação, utilizando a LGP como meio de acesso às outras áreas do conhecimento de forma a desenvolver o vocabulário e o conhecimento conceptual; - Em trabalhos interdisciplinares, reproduzir em LGP o essencial daquilo que leu ou viu em material escrito em Língua Portuguesa, em textos de nível adequado ao seu conhecimento dessa língua;
Utilização de recursos	Utilizar materiais diversos para procurar e apresentar informação.

